

COLUNA DO HERÓDOTO

A República das Bananas



Heródoto Barbeiro (*)

Para ser uma república das bananas, tem que ter bananas. Yes, nós temos bananas.

O maior exportador de bananas no mundo está na América do Sul. Para cada quatro frutas consumidas, uma vem de lá. Para alguns é um verdadeiro barril de petróleo com casca. Para o Equador a banana é tratada com todo o carinho, afinal é o segundo produto mais importante nas exportações do país.

É tão importante que os equatorianos suspenderam as vendas do produto para uma rede de supermercados da Alemanha, que baixou propositalmente os preços. Com isso o valor da banana no mercado mundial caiu e as rendas das exportações também.

A banana deu a volta por cima, deixou de ser uma alimento desqualificado, parte da razão dos mais pobres e luta contra o jargão que, quando uma mercadoria é barata, se diz que está sendo vendida a preço de banana. Uma ofensa também envolve a fruta, quando se faz um gesto com os braços e “se manda uma banana” para um desafeto. Enfim, ela faz parte hoje do cardápio internacional e pode ser encontrada em países frios onde jamais um pé de banana sobreviveria. Macacos e chipanzés protestam.

As notícias publicadas pela imprensa americana, no início do Século 20, davam conta de perturbações políticas nos países latino americanos. As oligarquias corruptas e proprietárias de latifúndios disputavam o poder nacional como se estivessem disputando um pedaço de terra para anexar aos latifúndios que dominavam.

Lutas, assassinatos, golpes de estado, desrespeito às leis, direitos que só existiam no papel, exércitos de jagunços a serviço dessa oligarquia davam o tom de como andavam as

coisas ao sul do Rio Grande. A mídia americana rotulou esses países com a pecha de República das Bananas. Motivos, sem dúvida, não faltavam. O cenário era a massa da população local marginalizada econômica e politicamente, a renda nacional concentrada nas mãos de poucos e uma disparidade social gritante.

Na mesma nação conviviam uma elite privilegiada e um monte de miseráveis, geralmente concentrados em grandes plantations nas áreas rurais. Nos latifúndios de produtos tropicais trabalhavam como escravos, sem nenhum direito social. O produto dos latifúndios podia ser o café, cana de açúcar, fumo, abacaxi ou ...banana.

Tio Sam desenvolveu uma política própria para tratar com as repúblicas bananeiras. No início do século passado ensaiava os passos para se tornar a nação mais poderosa do mundo e por isso reservou a América Latina para sua influência. Isto vinha desde o Século 19 com a doutrina Monroe, de “Américas para os americanos”.

Os interesses yankees iam do comércio dos produtos manufaturados aos produtos agrícolas e matérias primas. O valor agregado dos primeiros era evidente. Para garantir essa hegemonia se construiu uma política que recebeu um empurrão no governo de Roosevelt, o primeiro.

A diplomacia para dobrar essas repúblicas bananeiras era o de mostrar um sorriso nas negociações e caso não funcionasse se apelava para o Big Stick. Carinhosamente traduzido por Porrete Grande. Entenda-se como uma marinha de guerra poderosa e uma miríade de marines. Invasões e deposições de governos hostis, ao longo do século 20 foram inúmeras.

Nada que possa ser comparado com a crise vivida pela Venezuela nos dias atuais.

(*) É editor chefe e âncora do Jornal da Record News em multiplataforma.

Feminicídio é crime de ódio, não de amor, alerta promotora de SP

As mortes qualificadas como feminicídio em São Paulo aumentaram 12,9% em 2018 na comparação com o ano anterior, conforme dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP)

Foram registrados 148 assassinatos no ano passado e 131 em 2017. O feminicídio corresponde a 27% do total de homicídios dolosos de mulheres no estado de São Paulo, que somaram 548 casos em 2018. Desde que a lei foi instituída, a morte de mulheres por feminicídio tem aumentado.

Para a promotora Valéria Scarance, que coordena o Núcleo de Gênero do Ministério Público de São Paulo, embora seja negativo o aumento da morte de mulheres, o enquadramento dessas mortes como feminicídio é um dado positivo, pois demonstra que a lei vem sendo incorporada pelos órgãos públicos.

“Nesse contexto de morte violenta de mulheres, o número de fatos enquadrados como feminicídio também aumentou. Ou seja, o número de mortes é um número absoluto, mas o número de feminicídio é variável porque depende da interpretação que se dá no momento de registro da ocorrência. Aumentar esses números é um aspecto positivo e que revela envolvimento e conscientização por parte das autoridades”, avaliou a promotora.



Mulheres fazem caminhada contra altas taxas de feminicídio na América Latina.

De acordo com o Anuário de Segurança de 2018, com dados de 2017, as mortes de mulheres vítimas de violência cresceram 5,9%. Antes da qualificação do homicídio em situação de violência doméstica e familiar ou por menosprezo ou discriminação à condição de mulher, não era possível sistematizar esses dados. “Isso é muito importante para possibilitar a criação de políticas públicas e medidas de prevenção”, afirmou a defen-

sora pública Paula Sant’Anna Machado, coordenadora do Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres.

Segundo a promotora Valéria Scarance, “muitas pessoas nem sequer sabiam o que era feminicídio. Era uma categoria desconhecida no Brasil e ainda pairava a ideia de que era violência entre marido e mulher, que não justificava essa lei. Depois de três anos, não se discute mais a necessidade

dela. A população conhece a lei, e as vítimas sabem o que é o sistema de Justiça também”, argumentou.

Para Valéria, o feminicídio se mostra muito mais como ato de ódio do que de amor. Ainda é comum que se referiam a esses casos como “crime passional”. “O que motiva esses homens não é um sentimento de amor, mas de propriedade e um ódio por terem sido abandonados ou contrariados”, criticou (ABR).

Rio de Janeiro: polícia cumpriu mandados de prisão por fraudes em cartórios

Policiais civis e representantes do MP cumpriram ontem (28) mandados de prisão e de busca e apreensão contra suspeitos de pertencerem a uma organização criminosa, que atua em cartórios de notas e de registros de imóveis do Grande Rio. A ação é um desdobramento da Operação Lázaro, desencadeada em dezembro de 2017.

O esquema funcionava a partir da compra e venda sucessivas de imóveis, com avaliações variadas. Os criminosos adulteravam as escrituras públicas e os registros de imóveis, tomando a propriedade para eles. Os imóveis que tinham as escrituras e os registros falsificados eram vendidos para terceiros, por um valor muito abaixo do mercado e revendidos com valor superior à transação antecedente.



Os criminosos adulteravam as escrituras e os registros de imóveis, tomando a propriedade para eles.

As investigações começaram depois de uma falsa denúncia de posse de um terreno localizado em Nova Iguaçu, quando uma suposta vítima apresentou documentos falsificados. Depois de uma perícia e investigação, a polícia descobriu um esquema de fraude envolvendo tabeliães e funcionários dos cartórios do 10º Ofício de notas e 2º Registro Geral de Imóveis de Nova Iguaçu.

Foram encontradas várias escrituras, registros e certidões falsos em cartórios na Baixada Fluminense. A fraude envolvia ainda greileiros, agentes imobiliários e políticos locais, de acordo com a Polícia Civil. Os suspeitos vão responder pelos crimes de denunciação caluniosa, lavagem de dinheiro, estelionato, peculato, corrupção passiva e associação criminosa (ABR).

Ciência e Tecnologia

ricardosouza@netjen.com.br

A realidade e o futuro de Blockchain

Existe uma série de notícias sobre Blockchain na mídia. Elas geralmente falam sobre a sua capacidade disruptiva e sua aplicação para empresas de diversos setores, em especial para o financeiro. A comparação com bitcoin e criptomoedas alimenta a alta expectativa sobre essa tecnologia.

É notório que todos os grandes bancos estão experimentando o conceito já há alguns anos. Alguns até se tornaram grandes contribuidores das comunidades de seu desenvolvimento e passaram a ser os principais interessados no seu avanço.

Isso significa que a chance de Blockchain ser disruptivo já passou.

Fora do setor financeiro as aplicações de Blockchain estão divididas entre proveniência (rastreamento), logística (rastreamento), manufatura (várias áreas, incluindo inteligência artificial e controle de garantia), manutenção de registros (rastreamento), legal (proveniência e rastreamento) e saúde (principalmente manutenção e rastreamento de registros).

O uso no setor financeiros parece mais ligado a substituir sistemas atuais e não em romper com modelos de negócio existentes. Já nos demais setores, a tecnologia oferece uma alternativa nova para registro e acompanhamento. Vejamos alguns casos que servem como exemplos:

- BRF e o varejista Carrefour se uniram à IBM para o projeto “Food Tracking”, que visa rastrear produtos por meio de Blockchain;
- A Maersk implantou uma solução da IBM na divisão de rastreamento de contêineres e outra na perfuração offshore;
- A Icons, fornecedora de lembranças de futebol, implantou uma solução da Cognizant para rastreamento e garantia de proveniência (garante que uma camiseta assinada pelo Neymar é original);
- A Boeing, Airbus e Bombardier têm projetos pilotos no rastreamento de log de proveniência de peças e manutenção.

No estudo Digital Business Transformation Brazil, publicado pela empresa de pesquisa e consultoria em tecnologia, ISG, em fevereiro deste ano, foram avaliados 29 provedores que atendem grandes empresas no País. Deste número, 14 foram identificados como capazes de entregar soluções de Blockchain. E este é um bom resultado. O problema, porém, é que o faturamento dessas empresas com essa

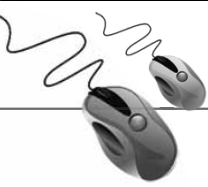
tecnologia ainda é pequeno, o que indica a dificuldade em se materializar o conceito nos clientes.

Nos nossos levantamentos, identificamos muitos fornecedores pequenos produzindo soluções interessantes e inovadoras, que devido à sua customização não escalam. Essas pequenas empresas são assediadas pelas grandes nos modelos de aceleração de startups, tanto no financiamento de seus projetos quanto na contratação de seus profissionais.

Há ainda uma disputa pelo profissional qualificado em Blockchain, o que eleva o custo de contratação e impõe um risco de não retenção desses funcionários. Questão que acaba deixando o cliente assustado.

Diante desses fatos a nossa conclusão é de que Blockchain terá uma adoção gradual e consistente com o avanço da transformação digital, mas infelizmente, não será tão rápido e abrupto a ponto de transformar a vida do cidadão comum.

(*) É sócio-diretor da TGT Consult e analista de destaque e autor para a ISG Provider Lens™.



News @TI

Curso Intensivo

Estão abertas as inscrições para o Curso Intensivo da EGI (Escola de Governança da Internet no Brasil), que acontece de 7 a 12 de julho, em São Paulo. A iniciativa do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br) é voltada aos profissionais, pesquisadores, gestores públicos e empreendedores interessados em aprofundar o conhecimento sobre temas do universo da governança da Internet no País e no mundo. Em sua 6ª edição, o curso aprofundará temas relevantes para o cenário atual como privacidade e proteção de dados pessoais, os desafios oriundos da aprovação da LGPD, questões éticas em aplicações de inteligência artificial, governança dos algoritmos, entre outros. A inscrição para o processo seletivo é gratuita e pode ser realizada por meio do portal da Escola: www.egi.nic.br.

Evento de educação e tecnologia

Transformando a educação para criar um novo futuro. Esse é o lema da Bett Educar 2019 e principal motivação para que mais de 230 empresas do segmento, cerca de 20 startups, e visitantes altamente qualificados do setor educacional de todo o Brasil se reúnam entre os dias 14 e 17 de maio, em um novo local, o Transamerica Expo Center, em São Paulo. O evento conta com extensa grade de conteúdo, um congresso voltado a educadores, práticas no ensino e formação, e um Fórum de Gestores, focado em mantenedores, reitores e tomadores de decisões, visando levar as melhores práticas e ideias para as instituições públicas e privadas. A Bett Educar, que acontece em parceria estratégica com a Undime, Sieceesp, Consed e Fenep, chega à 26ª edição com o objetivo de reforçar sua principal missão, a de reunir especialistas, iniciativas e tecnologias para desenvolver ainda mais os educadores e potencializar a aprendizagem dos alunos. Em 2018, foram 22 mil visitantes e mais de 5 mil congressistas, vindos de todo o Brasil e outros 18 países. A expectativa para este ano é reunir ainda mais gestores, educadores e interessados no setor de educação.

Empresas & Negócios
José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Diretora Comercial: Lilian Mancuso (lilian@netjen.com.br)

Editorias
Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterariaralph.com.br); *TV:* Tony Auad (central-noticia@bol.com.br).
Colaboradores: Cícero Augusto, Eduardo Shinyashiki, Geraldo Nunes,

Webmaster/TI: Ricardo Baboo; *Edição Eletrônica:* Ricardo Souza e Walter Almeida. *Impressão:* LTJ Gráfica Ltda. *Serviço informativo:* Agências Estado, Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda
Administração, Publicidade e Redação: Rua Vergueiro, 2949 - 12º andar - cjs. 121 e 122 - Vila Mariana - Cep: 04101-300. Tel. 3043-4171 / 3106-4171 - E-mail: (netjen@netjen.com.br) - Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90 - JUCESP, Nire:35218211731 (6/6/2003) - Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.